



EXPORTAÇÕES DO AGRO

Brasil bate mais um recorde de vendas



EDIÇÃO DIGITAL ONLINE

GENTE, EMPRESAS, CAMPO & LAVOURA



Agro

BRASIL S/A

ANO XXVIII | JULHO
EDIÇÃO 36



Eraí Maggi Scheffer

UM HOMEM COM VISÃO DE FUTURO



AGROPECUÁRIA

Dinamarca taxa gases do gado

REPRESENTAR

É o que a gente faz.



Accesse os canais de comunicação para conhecer e participar do trabalho da ALMT.





Representar é defender os direitos e interesses de quem confia e torce por você. É o que a ALMT faz.

Eleitos pela força do seu voto, os deputados e deputada são os seus legítimos representantes na defesa da democracia.

Junto com os servidores, eles propõem e acompanham projetos de lei, promovem o diálogo com o cidadão e ficam atentos às necessidades da população de todas as regiões do estado.

Perto de você para a mudança acontecer.



ALMT
Assembleia Legislativa

Eraí Maggi, um homem de visão desenvolvimentista

O megaempresário do agronegócio Eraí Maggi, presidente da Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão (Ampa) é um homem de visão desenvolvimentista. Um brasileiro que pensa no progresso do país.

Não bastasse ser um investidor de peso no agronegócio nacional Eraí pensa na cadeia produtiva do algodão como um todo e advoga a retomada da indústria têxtil do Brasil.

Eraí sabe da importância de se agregar valor ao produtor primário do qual ele é um grande cultivador e lidera a entidade que reúne os produtores estaduais.

Ao pensar no desenvolvimento da cadeia produtiva do algodão de uma ponta a outra, ele pensa alto, ativo e no interesse geral da economia nacional.

A entrevista exclusiva com Eraí Maggi está publicada nesta edição.

Boa leitura.

João Orozimbo Negrão
Coordenador Editorial do
Grupo Rede de Mídias



ÍNDICE | Julho 2024

**Eraí Maggi
Scheffer**
Um homem
com visão de
futuro



- 05 | OPINIÃO | José Luiz Tejón
- 06 | BASTIDORES DA REPÚBLICA | João Pedro Marques
- 08 | ENTREVISTA | Eraí Maggi
- 18 | DINAMARCA X GASES DO BOI
- 22 | EXPORTAÇÕES DO AGRO
- 24 | NORUEGA NA EMBRAPA
- 28 | CALDO ELÉTRICO
- 30 | NATUREZA NA VEIA | Ademir Galitzki

CEO
João Pedro Marques

DIRETOR PRESIDENTE
Artur Fonseca Dias

DIRETORA EXECUTIVA
Shelry Pereira

COORDENADOR EDITORIAL
João Orozimbo Negrão

EDITORA
Vanessa Moreno

EDITOR DE ARTE
Marco Antonio Raimundo

REDAÇÃO
Repórteres: Carolina da Costa Lima, Humberto Azevedo, Jean Gusmão, Vanessa Alves e Tchelo Figueiredo (fotografia)

GERENTE COMERCIAL
Maíara Max

CONSELHO EDITORIAL
João Pedro Marques (coordenador), João Negrão (presidente), Shelry Pereira, Vanessa Moreno e Márcio Brandão do Carmo

NESTA EDIÇÃO

TEXTOS
ADEMIR GALITZKI, HUMBERTO AZEVEDO, JOÃO PEDRO MARQUES, JOSÉ LUIZ TEJÓN, JULIANA CALDAS, JÚLIO BERNARDES, ASCOM EMBRAPA, AGÊNCIA BRASÍLIA, AGÊNCIA BRASIL, AGÊNCIA SENADO, AGÊNCIA CÂMARA, JORNAL DA USP, SECOM-MT, ASSESSORIAS.

FOTOS
CECÍLIA BASTOS, FABIANO BASTOS, JOSÉ LUIZ ALVES NETO, ASCOM EMBRAPA, AGÊNCIA BRASÍLIA, AGÊNCIA BRASIL, AGÊNCIA CNA, AGÊNCIA SENADO, AGÊNCIA CÂMARA, JORNAL DA USP, COLETIVO CABURÉ, AGREGA, SECOM-MT, ASSESSORIAS.

RDM AGRO BRASIL S/A NÃO SE RESPONSABILIZA POR MATERIAS E ARTIGOS ASSINADOS, QUE NÃO REFLETEM NECESSARIAMENTE A OPINIÃO DA REVISTA. AS MATERIAS ESPECIAIS PUBLICADAS NA RDM SÃO DE COLABORAÇÃO DE SEUS AUTORES E CEDIDAS ESPONTANEAMENTE, SEM FINS LUCRATIVOS.

REDAÇÃO:
(65) 3623-1170 / 3622-2310
redacao@revistardm.com.br

COMERCIAL/MÍDIA:
ARTUR DIAS DA FONSECA NETO
(65) 3623-1170 - (65) 99682-1470
midia@revistardm.com.br
comercial@revistardm.com.br

ADMINISTRATIVO CENTRAL
(65) 3623-1170

DISTRIBUIÇÃO/CIRCULAÇÃO
ADEMIR KUHNEN GALITZKI



Cooperativa digital com inteligência artificial

Não haverá nenhuma chance de gestão no agronegócio doravante sem a utilização da inteligência artificial e a tecnologia digital. Porém, por que existem aspas em “para um mundo cada vez mais analógico”?

O reitor do centro universitário do Instituto Mauá de Tecnologia, Professor Dr. José Carlos de Souza Jr, num debate sobre a digitalização no campo, afirmou que sim, “a tecnologia digital está a serviço de um mundo cada vez mais analógico, pois entre o 0 e o 00001 existe o infinito. Entre o algoritmo y versus o x existe o infinito e a aceleração da sensibilidade humana precisará ser exponencial doravante”.

A nova cooperativa para os próximos 10 anos precisará ser transformada numa cooperativa com inteligência artificial e tecnologia digital. E isso não significa a substituição humana no cooperativismo, muito ao contrário, significará uma capilaridade plena de dignidade humana para todos.

Ao assumirmos uma cooperativa digital estaremos nos comprometendo com a possibilidade de todos os cooperados obterem sucesso na gestão dos fatores controláveis. Estaremos diminuindo substancialmente as distâncias entre os mais capacitados e plenos de aptidões com outros de menor vocação e dom para esta inexorável fórmula de administração daqui para frente. E iremos permitir o desenvolvimento de atitudes de superação para que o universo dos cooperados prospere dentro de um jogo que agora exige precisão.

A nanotecnologia já vem para o cooperado codificada na nova semente, na genética animal, num estado evoluidíssimo da arte aplicada da ciência nos ambientes, nos microbiomas de cada propriedade rural. E na outra ponta do sistema de agronegócio, os consumidores finais irão conectar e contatar os seus originadores de alimentos, energia, fibras, flores, num progresso agro consciente, no qual a saúde num aspecto amplo passa a ser a nova síntese de todo esse complexo agroindustrial que é o maior



Inteligência artificial e cooperativa digital, da profundidade da ciência para a dignidade humana de “um mundo cada vez mais, nas suas profundezas, analógico”

negócio do planeta.

As cooperativas, por serem uma casa de essência humana e que compreendem o fio da história transformando os amargores da vida em saudáveis valores, além de assegurarem para todos os seus cooperados o potencial da gestão e da decisão tomada, com informações processadas na “velocidade da luz” criando centros de gestão tecnológica, assistência digital e

capacitação, irão se atentar para a visão do Dr. José Carlos do Instituto Mauá de Tecnologia, acima.

As cooperativas irão integrar aos modelos digitais e de inteligência artificial o desafio dos desafios, que será desenvolver todas as famílias cooperadas, as equipes das cooperativas, técnicos, fornecedores e clientes, para dialogarem com os dígitos, com os algoritmos e sempre enxergarem o infinito ali existente entre cada impacto que o sistema revelar.

O mundo cada vez mais analógico pode ser representado por um consumidor distante, do outro lado do mundo, pegando com suas mãos uma embalagem de um produto da Lar Coop, como recebi na foto que o Diogo Sezar, VP da Lar Coop, me enviou.

Ou mesmo na conversa que tive com Alexandre Dal Forno, dirigente da TIM no evento Agroevolution, quando ficava óbvia a necessidade da existência de “sinal” como fundamento obrigatório para os mais de 1 milhão de cooperados no país, e que seriam a justa atração para a inclusão de outros “milhões” de pequenas propriedades, hoje excluídos do mercado e da tecnologia, na

vida digna e do futuro de um cooperativismo para todos. ■

* **José Luiz Tejón** é palestrante especialista em agronegócios e membro do Conselho Científico Agro Sustentável (CCAS)

Deputados debatem impacto da moratória da soja e da carne na Amazônia

A Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara dos Deputados realizou audiência pública para discutir a moratória da soja e da carne e seus impactos nos municípios da Amazônia Legal. Essa moratória busca garantir que a soja cultivada na Amazônia e comercializada pelos signatários não esteja associada a desmatamentos ocorridos após 22 de julho de 2008, mesmo que a abertura dessas áreas tenha sido permitida pelo Código Florestal. A audiência foi organizada a pedido da deputada Coronel Fernanda, coordenadora do Grupo de Trabalho sobre o tema na Câmara. Durante a sessão, a parlamentar criticou a moratória, afirmando que ela “provoca uma divisão econômica no campo, aumenta a desigualdade social e regional, ameaça o direito de propriedade e o progresso econômico do país, e afeta diretamente a vida dos produtores e trabalhadores rurais”.



Divulgação



Divulgação

Conab diz que colheita da safrinha de milho atingiu 96,8%

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgou em seu último relatório que a colheita da safrinha de milho 2023/24 já atingiu 96,8% da área total semeada no Brasil. Esse dado representa um avanço de 1,8% em relação à semana anterior, demonstrando o ritmo acelerado dos trabalhos nos campos brasileiros. No entanto, quando comparado ao mesmo período do ano passado, a colheita apresenta um leve atraso de 0,3 ponto percentual. Esse descompasso pode ser atribuído a diversos fatores, como condições climáticas adversas em algumas regiões produtoras, ajustes na programação das atividades agrícolas ou até mesmo questões logísticas.



Divulgação

MT aumenta em 32% produção de etanol e se torna o 2º maior produtor do país

Mato Grosso se tornou o segundo maior produtor de etanol do país, após ultrapassar Goiás. As 18 plantas instaladas no estado atingiram a produção recorde de 5,72 bilhões de litros na última safra (2023/2024) - a maior da série histórica desde a safra 2010/2011. O número é 32% maior que o do período anterior - safra 2022/2023 -, que atingiu a produção de 4,34 bilhões de litros. O estado, que só se mantém atrás de São Paulo na geração de biocombustíveis, se mantém na liderança na produção do etanol de milho. Das indústrias sediadas no estado, nove produzem exclusivamente etanol de milho, cinco por meio da cana-de-açúcar e quatro são flex, com ambas as matérias-primas.



Divulgação

Em um ano e sete meses, Mapa alcança novo recorde na abertura de mercados

Com a recente abertura de quatro novos mercados para Cuba, o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) bateu seu próprio recorde de novas expansões para produtos agrícolas no comércio internacional em um único ano, conforme os registros da série histórica. Desde o início do ano, somam-se 82 novos mercados abertos em 34 países, somando um total de 160 desde o início de 2023, quando começou o terceiro mandato do presidente Lula e a gestão do ministro Carlos Fávaro no Mapa. Os números mensais mostram 26 novos mercados em junho (13 países), 15 em maio (10 países), 10 em março (7 países), 7 em fevereiro (6 países), 9 em janeiro (5 países) e 5 em abril (3 países).



Divulgação

Dívidas de famílias atingem maior nível desde novembro de 2022: 78,8%

O percentual de famílias endividadas no Brasil subiu pelo terceiro mês consecutivo e atingiu 78,8% em maio deste ano. Em abril, a taxa era de 78,5%, enquanto em maio de 2023 a proporção de endividados era de 78,3%. Os dados sobre dívidas de famílias são da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Com o resultado de maio, o percentual de famílias com dívidas no país atingiu o maior patamar desde novembro de 2022. A pesquisa considera endividados aqueles que possuem qualquer dívida, ainda que ela não esteja em atraso, como compras no cartão de crédito ou financiamentos.

DITO & FEITO



“O aumento nas exportações no primeiro semestre de 2024 reflete não só a excelência dos nossos produtos, mas também o resultado dos recordes nas aberturas de mercado e o constante diálogo com outros países.”

Roberto Perosa, secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura

“Não tem um único número que diga que o Brasil tem qualquer problema. A gente está crescendo mais do que a previsão do mercado. O mercado previa 0,8%, nós crescemos 3%. O mercado previa a inflação descontrolada, a inflação está totalmente controlada. A única coisa que não está controlada é a taxa de juros.”

Presidente **Lula**

“Geramos 2,5 milhões de empregos em um ano e sete meses. A massa salarial cresceu 11,7%. O salário mínimo é reajustado duas vezes acima da inflação. Isenção do imposto de renda para quem ganha dois salários mínimos e eu pretendo chegar a R\$ 5 mil de desconto do imposto de renda. Tiramos 24 milhões de pessoas da fome. Então, nós estamos vivendo um momento sensacional.”

Idem



Presidente da Ampa avalia que Brasil está pronto para reativar sua indústria têxtil

Dirigente da associação representativa dos produtores de algodão de Mato Grosso, Eraí Maggi Scheffer falou com exclusividade para o portal RDMNews, entrevista que a revista Centro-Oeste S/A reproduz

Por **Humberto Azevedo**

O presidente da Associação Mato-grossense de Algodão (Ampa), Eraí Maggi Scheffer, avalia que o Brasil está pronto para reativar a sua indústria têxtil. A declaração, exclusiva ao portal RDMNews, no Palácio do Planalto, onde esteve para acompanhar o anúncio dos mais de R\$ 400 bilhões para financiar o Plano Safra da agricultura empresarial, aconteceu em meio às comemorações do setor cotonicultor brasileiro alcançar a marca de maior exportador da commodity do mundo.

Segundo o empresário, também considerado como o “rei da soja” no país com mais de 570 mil hectares plantados e colhidos, a pluma do algodão exportada para a produção têxtil na Ásia já não encontra mão de obra barata naquele continente de “um dólar ao dia” para a produção fabril. Isso, de acordo com ele, seria a oportunidade de o Brasil reviver sua indústria de confecção, atraindo para o mercado laboral do setor fabril costureiros e costureiras artesanais - o que dinamizaria ainda mais a economia brasileira.

Eraí destaca que a commodity exportada do Brasil representa apenas 5% de todo o processo da indústria têxtil. Mas o empresário do agronegócio lembra que as bases que sustentaram o setor industrial no país precisam mudar e passar a seguir o modelo de negócios que levou a agricultura a ser o que ela é atualmente, em que cada CPF (Cadastro de Pessoa Física) é responsável pelo CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) que administra

uma determinada empresa.

“O algodão custa 5% da roupa. Então, imagina? Tem-se 95% de outros produtos. De mão de obra, de comércio, transporte, impostos. Tem uma variação grande em tecnologia com o têxtil”, comentou. “Tem que ser uma indústria mais não tão dependente de governo, tem que ser uma indústria pensando mais no setor industrial”, observou.

PARTILHA

Questionado sobre as ausências das principais lideranças do setor agropecuário no lançamento do Plano Safra 2024/2025, como do próprio presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e dos parlamentares que compõem a cúpula da Frente Parlamentar de Apoio à Agropecuária (FPA) no Congresso Nacional, como o deputado Pedro Lupion (União Brasil-PR), o dirigente da Ampa lamentou que a sociedade brasileira viveu uma “partilha” desde o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT), em 2016, e que se acirrou no governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (PL).

“Tudo isso aconteceu nesse governo lá atrás. A infraestrutura pela calha norte para a exportação nos portos do Norte, pela Amazônia, foi nesse governo. A industrialização nossa com as máquinas modernas, mais produtivas do mundo inteiro, e exportando para o mundo inteiro, gerando emprego no Sul, Sudeste, todo o Brasil,

para que o agro pudesse andar”, destacou.

JUROS

Maggi Scheffer reclamou, ainda, da alta taxa de juros praticada no Brasil. E concordou com boa parte do setor que gostaria que o Plano Safra voltado para o financiamento dos grandes e médios produtores e proprietários rurais poderia ter uma taxa de juros mais baixa. Mas, segundo ele, os juros poderiam ser menores, mas não será isso que vai impedir um bom plantio e colheita.

No mesmo sentido, ele também falou da demanda do setor pela adoção de um seguro maior para a safra. E que isso também não é motivo de, assim, tanta reclamação. “O seguro também não é uma fábrica de ficar rico”, disparou.

“O Brasil está no caminho certo. Temos que incentivar as nossas indústrias do têxtil aqui também, confecção, tecelagem, malharia, e tais, porque isso é o que gera muito emprego aqui dentro. Então, tudo vai chegando a hora”, agregou.

A seguir, a íntegra da entrevista concedida pelo empresário Eraí Maggi Scheffer ao portal RDMNews.

RDMNews: Como o senhor viu o anúncio do Plano Safra, no valor de R\$ 400 bilhões, e 10% a mais que no ano passado, destinado a atender aos grandes e médios produtores e proprietários rurais?

Eraí Maggi Scheffer: A minha análise é que não se resolvem as coisas tudo num primeiro momento. É desdobrado. É importante que tenha volume de grana. O importante é que o produtor tome financiamento, atualize os seus maquinários, armazéns e que toque a produção. A taxa de juros ainda é um pouco alta? É alta, sim, lógico! Mas tem a linha em dólar, que não é tão alta, dá para tolerar o projeto. Era 11,5%, baixou 1%, no real. Ele ainda é alto. Mas é assim, eu nunca tive medo quando opera com banco que repassa, de governo, Banco do Brasil, nos nossos 50 anos de agricultura, nunca tive medo disto. Então isso vai se resolver, ou se a inflação for muito baixa, que esses juros positivos fiquem muito altos. Resolve no meio do caminho. Sempre resolveu. Eu nunca vi problema de produtor perder propriedade. Eu vi, sim, medo de fazer as coisas. Então, se a toada é essa agora, com esses juros altos, que é o nosso

“ Nós temos também uma lavoura aqui no Brasil muito segura. É muito difícil haver eventuais quebras. No Centro-Oeste, eu estou há 40 anos praticamente, e tivemos quebras insignificantes e mesmo assim se pagou o custeio”

problema, o importante é que houve volume de dinheiro. Dá para girar, dá para construir armazéns, dá para carregar a safra, exportar, renovar o maquinário, renovar suas terras, fertilizar melhor, colocar calcário. As indústrias, armazéns, foi muito bom. Foi positivo. Tem volume de dinheiro. Os juros não foram agradáveis. Então, não agrada tudo ao mesmo tempo. No meio do caminho se ajusta, como já teve securitização, teve até perdão nesta história deste Brasil no agro. O que não pode é querer, às vezes, tudo no mesmo momento. Hoje está sem clima para ter juros subsidiados. Nós não estamos neste clima. Agora, com relação ao Plano Safra e a essa produtividade que nós temos no Brasil, mesmo no algodão, em que estou como presidente da Associação Mato-grossense de Algodão, que pela primeira vez passamos a liderar como o maior exportador no mundo, no planeta. Nós estamos aqui com o algodão tecnificado há 30, 40 anos já no Brasil, chegamos lá com um número grande na exportação e tem uma previsão de crescimento. O Brasil vai tomar essa posição e já tomou. E tem que ter mercado lá fora. O presidente Lula tem feito boas viagens lá fora, boas amizades, bons negócios. Porque o governo não é mais do que fazer negócio. O ministro Fávaro está muito atuante nisso. O ministro Fávaro não tem preguiça. Ele vai viajar, segue os passos. Tem feito esses trabalhos de maneira muito forte, com muito vigor, com muita energia em tudo isso. Estamos no caminho certo. No nosso agro, no nosso Plano Safra, na nossa agricultura e com as empresas que



temos que girar aqui nesse 'timing' e não parar. Nós não podemos ficar parados como estávamos, estagnados, sem compras, sem modernizar. Nós precisamos fazer andar a roda e o Plano Safra é promissor.

RDMNews: Uma das demandas do setor empresarial do agronegócio era que o Plano Safra tinha que contemplar com mais recursos a área de seguros para segurar a próxima safra de intempéries climáticas. O próprio ministro reconheceu que não foi possível atender a essa demanda por completo, apesar do crescimento linear do seguro. Como o senhor vê esta questão?

Eraí Maggi Scheffer: Eu estou na agricultura há mais de 50 anos, né? Então, nós temos também uma lavoura aqui no Brasil muito segura. É muito difícil haver eventuais quebras. No Centro-Oeste, eu estou há 40 anos,



“ Se a toada é essa agora, com esses juros altos, que é o nosso problema, o importante é que houve volume de dinheiro. Dá para girar, dá para construir armazéns, dá para carregar a safra, exportar, renovar o maquinário, renovar suas terras, fertilizar melhor, colocar calcário”

praticamente, tivemos quebras insignificantes e mesmo assim se pagou o custeio. Então, o seguro também não é uma fábrica de ficar rico. Não é! Mesmo assim pagou o custeio. É só o produtor escalonar o seu plantio, é só o produtor melhorar as suas terras com corretivos mais profundos. Porque lá embaixo tem umidade. O produtor é isso aí, não ter preguiça e não ter medo de fazer investimentos no solo. Dá carinho para a terra. Colocar calcário mais na profundidade. Porque é igual a tirar a azia de uma pessoa. A azia do estômago. Ela vai funcionar. Então, tem que tirar a acidez. É muito parecida com o estômago da gente a terra. Tirou a acidez lá do fundo, as raízes vão se desenvolver, vão tirar umidade. É quase um seguro também. Então, tem muitas maneiras de se segurar. O Plano Safra ajuda no todo. Também o seguro-safra. Tem que escalonar, outras empresas particulares e os bancos também fazem seguro.

Então, já demonstrou uma boa vontade de melhorar. E lá um tempo ou outro, a gente tem esse problema climático. Mas é muito longo, 20 anos, 30 anos, 10 anos para poder ter um e outro. Eu acredito que nós vamos voltar aos nossos tempos normais. Temos aquecimento, temos problemas, mas não ia se agravar assim de uma hora para outra tão rápido. Porque os números não mudaram tanto neste último ano assim para ter tudo isso. Eu tenho fé, vamos tocar do que jeito que estamos tocando e cada vez um passinho. Vamos ver se toma esse dinheiro para o seguro também. Por quê?

Porque é o que eu falei, ele não é uma fonte de ficar rico com o seguro, não! Ele tem um custo. Escalonar, já é um seguro. Plantar numa época, outro em outra, outro na outra. Lógico, a melhor janela tem um mês tal, dia tal de plantio. Melhor janela de produtividade. Então, escalonamento, rotação de cultura, fazer uma boa palhada, uma boa cobertura,

plantios diretos, melhorar a terra, fazer perfil, calcariação profunda, equipamentos, tratores, tudo tem que ter. O Plano Safra está aí com volume de dinheiro para isso. Os juros, caros! Mas isso se resolve no meio do caminho se a inflação for muito baixa e que, às vezes, ficam muito positivos esses juros. Ele pode ser muito positivo. Se tiver uma inflação mais alta, ele pode até ser negativo. Mas eu acho que não. O Brasil está numa tendência de uma inflação depois do Plano Real muito tranquila. O Brasil está bem nisso. Nós temos que ter essa esperança. Está aí, temos que ser otimistas com o Brasil. Este Brasil, ele é líder em tudo, né? Frango, álcool, biocombustíveis, milho, cana, soja, algodão, pecuária, nós temos tantas fontes de produção de alimentos, que o mundo precisa disso, e nós sabemos fazer isso. O que nós temos que ter é tranquilidade de ter cuidado para fazer e não querer acertar no traseiro da mosca, não. Mas acertar na mosca! Assim está bom, você fica mais tranquilo diversificando variedades. As pesquisas estão aí, as tecnologias estão disponíveis. Este país é uma potência! O Brasil é uma potência. Tem gente que quer ser pessimista e diz que o Brasil não está bem. O Brasil está bem. Temos um povo ordeiro. É só unir as famílias, e ficar aí à direita e à esquerda, ficar esse tipo de coisa, que eu sou da direita não gosto do cara da esquerda e que o cara da esquerda está errado. Eu sou da esquerda e o cara da direita está errado. Acho que não. Acho que tem que unir e um pouco pelo meio. Unir as famílias, unir as pessoas, pensar um pouco mais e continuar com a nossa democracia, com a nossa produção, que o Brasil é bom, o Brasil está bem, e é só olhar para os lados. Olha para os países vizinhos, olha para o mundo afora e a perspectiva que tem este país. Este país tem perspectiva, tem todas as condições, tem água, tem terra, tem pessoas, tem tecnologias, tem ainda um governo democrático, bom, tecnologia de maquinário até para exportar pelo mundo afora. Nós crescemos e hoje produzimos alimentos mais baratos, muito mais baratos que há uns anos. Então, nós temos alimentos hoje com condições para as pessoas comprarem. É um país em que se pode acreditar nele. Tem todas as condições.

RDMNews: Com relação às exportações do algodão, que o senhor

“ A minha análise é que não se resolvem as coisas tudo num primeiro momento. É importante que tenha volume de grana. O importante é que o produtor tome financiamento, atualize os seus maquinários, armazéns e que toque a produção”

representa, como viu essa ultrapassagem do produto brasileiro, de ser mais vendido que o de origem dos Estados Unidos?

Eraí Maggi Scheffer: O Brasil tomou a liderança este ano. O Brasil é o principal exportador da fibra de algodão, que é uma fibra nobre para a indústria têxtil, melhor para usar do que o produto de origem de petróleo. Então, ele é muito melhor, muito mais saudável, ele segura o suor, ele é outra coisa. Por isso, ele é um pouco mais caro e a gente sabe disso. Mas o Brasil está cada vez produzindo mais, com mais tecnologia, com mais pesquisa, faz duas safras, faz uma safra de grãos antes de alimentos. Não quer dizer que o algodão não seja alimento. Ele tem o caroço, que dá a ração, o óleo. Mas o forte dele é a pluma, que é o vestuário. Mas no Brasil, principalmente no Centro-Oeste, ele deixa uma chance muito grande para as pessoas que querem se alimentar. Porque se pode fazer uma safra de grãos de soja, de feijão, antes. E o algodão, depois. Isso não se faz em outras partes do planeta. É só aqui que se faz assim.

RDMNews: E nos Estados Unidos, o algodão lá é subsidiado, não é? Ao contrário do produzido aqui?

Eraí Maggi Scheffer: Não é só nos Estados Unidos, mas na Ásia, na China, Índia, Paquistão, Uzbequistão, esses países têm muito subsídios. E subsídios fortes, 20%, 30% do que nós temos. Eles têm lá a garantia do um para a libra-peso, aqui 70 libra-peso, que é o preço. Então, nós temos, assim, uma vantagem muito grande em cima deles. E lá os governos seguram porque geram empregos. Depois da construção civil, é o têxtil. O



Divulgação

Brasil está no caminho certo. Temos que incentivar as nossas indústrias do têxtil aqui também, confecção, tecelagem, malharia, e tais, porque isso é o que gera muito emprego aqui dentro. Tudo vai chegando a hora. Hoje o país tem a produção, ele tem um produto 20% mais barato que aquele que importa. Então, já está aqui dentro, e nós temos as condições para as nossas indústrias crescerem e gerarem empregos. Porque, às vezes, tem lá uma pessoa em cadeira de rodas, que está em casa e que pode trabalhar na casa dela, senhoras, pessoas mais idosas que não querem mais ir para o mercado de trabalho robusto, elas podem trabalhar em casa fazendo suas roupas, seguindo as modinhas, faz-se isso, aquilo outro, faz camiseta. Então, está se organizando muito. Nós temos meia dúzia de polotêxtil no Brasil, em Caruaru (PE), temos Goiânia (GO), Blumenau



“ O Brasil está numa tendência de uma inflação depois do Plano Real muito tranquila. O Brasil está bem nisso. Nós temos que ter essa esperança. Está aí, temos que ser otimistas com o Brasil”

(SC), Cianorte (PR), Americanas (SP), Rio de Janeiro (RJ). E nós podemos criar mais polotêxtil, principalmente, no Centro-Oeste, Norte. Temos a Bolívia aí com Cochabamba, Santa Cruz [de La Sierra], Acre, Rondônia, Amazonas. O Centro-Oeste tem como ajudar essa parte que é essa geração de empregos e deixar a riqueza aqui dentro. Gerar emprego aqui dentro não vai dólar para fora, né? Ajuda o Brasil na balança comercial.

RDMNews: Seria agregar valor, não é? Porque hoje o algodão é exportado em sua maior parte, correto?

Eraí Maggi Scheffer: Agrega! Bem perguntado. Para se ter uma ideia, o algodão custa 5% da roupa. Então, imagina? Tem-se 95% de outros produtos. De mão de obra, de comércio, transporte, impostos. Tem uma variação grande em tecnologia com o têxtil, né?

Do algodão para virar roupa. Nós temos só 95% para pegar uma parte. O algodão representa, geralmente, apenas 5% da roupa.

RDMNews: O Brasil, até os anos 90, tinha uma indústria têxtil forte. E ela foi fraquejando, até muitas companhias famosas quebraram, pediram falência, e o país passou a ser muito dependente de produtos manufaturados de fora, não é?

Eraí Maggi Scheffer: Nós tínhamos uma mão de obra, tínhamos e temos, ainda mais alta em relação à Ásia e uma tecnologia muito grande na Europa. Mas a Europa hoje já foi. Já não produz mais lá. Hoje ficou na Ásia. Mas também a mão de obra lá não está ficando assim mais barata. Então, eu acredito que já insere o Brasil e essas indústrias voltem a retomar. Mas tem que ser uma

indústria mais não tão dependente de governo, tem que ser uma indústria pensando mais no setor industrial. A pessoa e a indústria [tem que] ser a mesma. Porque hoje a indústria é a indústria e se quebrou a indústria, problema do governo, e o dono da indústria está lá bacana com grana, com o capital, porque não está nem aí para as indústrias dele. De achar que é um problema governamental e não é. Eu acredito que também vão entrar mais indústrias sérias, que vão colocar tecnologias, velocidade no negócio - como o produtor põe lá na sua roça. O produtor, se quebrar, perde a terra. E, às vezes, o industrial tem a indústria lá, com os bens separados da indústria. Ele tem a pessoa física e os negócios dele em outra empresa, e a empresa parece que não é um problema dele. Eu acredito que vá mudar esse pensamento e vai ter mais gente entrando já sabendo que ele tem que ter produtividade, competitividade e qualidade. Já está entrando no Brasil esse outro pensamento de empresários e também a nossa mão de obra não é mais aquela de um dólar por dia da Ásia. Ela está ficando mais parecida com a nossa. Então, já, já, tem como nós inserirmos o povo brasileiro na indústria têxtil.

RDMNews: Com vista a essa retomada da indústria têxtil no Brasil, o senhor acredita que o programa Mover - Mobilidade verde e inovação é um passo importante da reindustrialização do país que está sob a batuta do ministro e vice-presidente Geraldo Alckmin?

Eraí Maggi Scheffer: Tem tudo a ver. Tem muito a ver. Bem perguntado. Vai ter que ter essa dedicação. O governo vai ter que dar um suporte. O industrial tem que colocar mais dedicação nisso como a gente faz na agricultura. Na agricultura, a gente mistura as propriedades com o negócio e com a pessoa física. A indústria acha que eles são um problema do governo. E eles estão com as coisas separadas e não se dedicam com tanto carinho como o produtor, porque o Brasil tem muito esse perfil do agro. E o agro está misturado com a pessoa física, com a jurídica, com as terras, com a propriedade. Se ele quebrar, ele quebra todo, ele quebra por inteiro. Na indústria, eles acham que os problemas são do governo. E não são! O governo tem que dar o suporte, tem que dar as condições e ele tem que aperfeiçoar com mais tecnolo-

“ Este país é uma potência! O Brasil é uma potência.

Tem gente que quer ser pessimista e diz que o Brasil não está bem. O Brasil está bem”

gia, produtividade. Eles têm que trabalhar um pouco mais atentos porque a mão de obra na Ásia não está tão barata, que valia a pena fazer tudo lá. Está ficando caro lá também. Então, isso dá oportunidade ao Brasil de se inserir nisso agora. É uma bela oportunidade. Tem que modernizar as nossas indústrias, tecnificar com todas [inovações da] informática que se tem hoje e todas as tecnologias. Está na hora. E, depois, o acabamento, a costura, e não sei o quê, que é a confecção, aí são as pessoas, nas casas, que têm menos capacidade física, não são aquelas pessoas tão fortes, às vezes, elas podem fazer nas casas costurando com máquinas. As famílias, geralmente, têm aquelas folgas que podem aproveitar para costurar, trabalhar. Eu acredito que nós devemos ir muito com essa peça ali. E deixar essa riqueza gerar aqui dentro. Porque o Brasil está num momento de se fazer isso.

RDMNews: Como o senhor viu a ausência de pessoas importantes do agronegócio, como o presidente da CNA, João Martins Sousa, e da cúpula da FPA no parlamento no anúncio do Plano Safra voltado para os grandes e médios produtores rurais?

Eraí Maggi Scheffer: A sociedade viveu uma partilha, né? De um lado e para o outro. Ou é direita ou é esquerda. Para a direita, a esquerda não vale nada. Para a esquerda, a direita não vale nada, é a esquerda que vale. Então, houve uma divisão muito grande no país, por isso nós temos que ir para o meio. As pessoas, as famílias, têm que se entender um pouco mais. O país não pode ter essas brigas, ainda mais chegar a esse ponto. Não tem essa necessidade. Somos todos amigos, todos da mesma família. Então, não estão mais escutando. E as pessoas

Divulgação

parecem que estão com o corpo fechado. Mas as pessoas não querem entender também o que fez esse governo para o agro. Parece que não querem nem escutar e não querem nem fazer análises. Mas eu que estou há 50 anos nesse negócio, sei como foi fácil no governo Lula adquirir máquinas, armazéns, melhorar o solo, com prazos longos, bons e baratos. E como isso cresceu. Não cresceu só o produtor. Cresceram as nossas indústrias. Porque o mundo inteiro, a Europa, os Estados Unidos, fizeram parcerias com as nossas indústrias do Brasil, e se transformaram nestas enormes indústrias com tecnologia, vendendo e exportando para o mundo inteiro? E a nossa agricultura cresceu tanto? As nossas toneladas que produzíamos lá atrás e que produzimos agora? Será que as pessoas não entendem e não conseguem enxergar que o



“ Nós crescemos e hoje nós produzimos alimentos mais baratos, muito mais baratos que uns anos atrás. Então, nós temos alimentos hoje com condições para as pessoas comprarem. É um país em que se pode acreditar nele. Tem todas as condições”

produtor trabalhou, lutou, suou, dedicou, muito, - eu dou o mérito ao produtor - mas teve condições de trabalhar. Porque se você olhar, o burro trabalha para c..., no entanto, fica na carroça sempre. Então, ao trabalhar, necessitou de todo esse suporte, de financiamento, abrir mercado lá fora, fazer a infraestrutura, abrir as biotecnologias. Tudo isso aconteceu nesse governo lá atrás.

A infraestrutura pela calha norte para a exportação nos portos do Norte, pela Amazônia, foi neste governo. A industrialização nossa, com as máquinas modernas, mais produtivas do mundo inteiro, e exportando para o mundo inteiro, gerando emprego no Sul, Sudeste, todo o Brasil, para que o agro pudesse andar. Não foi só o agro, não foi só o produtor, foi o emprego, o que a empregada doméstica ganhou e teve

mais oferta de comida, que ficou mais barata. E o Brasil virou essa potência. Será que não dá para enxergar a potência que está o país? Olha a potência que está este país! O país é uma potência. É que o cara quer mais, mais e mais. E por causa de algumas ideologias, outras coisas, o produtor fechou aí o corpo. A questão da reforma agrária, o medo do quê? Se ele já tocou esse governo oito anos lá atrás e não tivemos esse problema? Nós não tivemos esse problema. A questão do etanol, dos biocombustíveis, tudo este governo fez andar e deu condições para andar. Lógico, sempre o produtor trabalhando. O produtor trabalha muito. Ele é ordeiro, trabalhador, é lutador, é um leão para trabalhar. Mas eu sei que teve porque eu já fiquei três dias para falar com o gerente de banco para conseguir um dinheiro para o financiamento. E, às vezes, nem conseguia. ■

INCÊNDIO FLORESTAL TAMBÉM É SUA RESPONSABILIDADE

O Governo de MT
está preparado para
combater as queimadas.
Faça sua parte.

Denuncie

193


Novo período proibitivo

Cerrado e
Amazônia 01/07 a 30/11

Pantanal 17/06 a 31/12



**Governo de
Mato
Grosso**



Dinamarca anuncia imposto sobre os gases emitidos pelo gado

a Dinamarca também ponderou criar uma taxa para tributar a produção e consumo de carne de vaca

Por **Euronews**

A Dinamarca avança com a primeira taxa de carbono sobre a agricultura, com os criadores de gado sendo obrigados a pagar pelas emissões de gases com efeito de estufa de cada um dos seus animais.

Após meses de negociações, com organismos comerciais e grupos ambientalistas, o governo dinamarquês acordou uma taxa efetiva de 120 coroas dinamarquesas (16 euros) por tonelada de emissões de dióxido de carbono provenientes do gado, incluindo vacas, porcos e ovelhas.

Os animais ruminantes, como as vacas e as ovelhas, não só produzem

metano através do seu sistema digestivo, como também os fertilizantes presentes na erva que comem produzem gases com efeito de estufa.

Embora o dióxido de carbono receba normalmente maior atenção pelo seu papel nas alterações climáticas, o metano retém cerca de 87 vezes mais calor numa escala temporal de 20 anos, de acordo com a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA.

A pecuária é responsável por 11% das emissões globais, e quase dois terços dessas emissões são provocadas pelas vacas.

A partir de 2030, os criadores de gado

dinamarqueses serão tributados em 300 coroas (40 euros) por tonelada de dióxido de carbono equivalente em 2030. O imposto aumentará para 750 coroas (100 euros) em 2035.

No entanto, devido a uma dedução de 60% no imposto sobre o rendimento, o custo real por tonelada começará em 120 coroas (16 euros) e aumentará para 300 coroas em 2035.

No ano passado, a Dinamarca também ponderou criar uma taxa para tributar a produção e consumo de carne de vaca.

CONSUMO DE CARNE

Dado o peso que a criação de gado



Fotos: Divulgação

“A redução do metano é a única solução para atingir o objetivo global de 1,5°C de temperatura. Se nos concentrarmos realmente na redução das emissões de metano do setor dos resíduos, isso vai mudar o jogo”

bovino e o transporte da carne tem na emissão de gases com efeito de estufa, o governo dinamarquês também pondera eventuais impostos para tentar combater o problema.

Servir um bife vindo de outro continente é uma prática comum em muitos restaurantes, mas transportar carne entre continentes não é uma prática amiga do ambiente.

Na Dinamarca, a carne bovina é responsável por 55% das emissões relacionadas com a alimentação. “Isto ocorre porque as vacas são ‘máquinas’ muito más. Afinal, desperdiçam entre 80 e 90% da energia que ingerem na forma de calor corporal. E, além disso, têm

quatro estômagos, arrotam e emitem metano”, afirma Henrik Wenzel, professor universitário.

Como comer carne de aves ou peixe pode amenizar o problema, o restaurante Flamen, em Copenhaga, decidiu alterar a ementa. “Afinal, a carne bovina é um dos grandes pecadores, e é por isso que também decidimos há alguns anos retirar o nosso lombo de vaca da ementa, que, na verdade, era o nosso produto mais vendido, e, em vez disso, colocar um pouco de peru, um pouco de frango e um pouco de salmão”, afirma o gerente do restaurante, Thomas Krohn.

Na Dinamarca, o consumo de carne bovina emite oito milhões de toneladas

de CO₂ por ano, o equivalente a 40% da meta de redução de emissões do país. O governo não descarta a tributação.

"Estamos analisando todas as possibilidades. E isso significa, em parte, que estamos no processo de reestruturação da nossa indústria alimentar, estamos no processo de analisar como podemos criar um imposto sobre a produção, entre outras coisas, de carne bovina. E depois, claro, também analisamos possíveis impostos sobre o consumo e se devem ser utilizados", explica o ministro dinamarquês dos impostos, Jeppe Bruus.

Segundo a FAO, a criação de gado é responsável por 15% das emissões globais de gases com efeito de estufa, uma percentagem quase tão grande como a do transporte global.

FONTES DO METANO

"Geralmente, o metano vem do fundo do mar, mas que tipo de habitats estão a emitir e que quantidade está a ser emitida? Essa é a parte complicada", frisou Thea Bisander.

Descobrir a quantidade de metano proveniente de zonas costeiras é um passo pequeno, mas importante para responder à grande questão: porque é que os níveis de metano estão a aumentar tão acentuadamente?

"É uma fonte natural ou uma fonte humana e industrial? Penso que este é um dos grandes problemas que estamos a tentar resolver neste momento. Qual é o fator responsável por estas alterações no aumento do metano ao longo do tempo?", disse Volker Brüchert, professor associado de Geoquímica na Universidade de Estocolmo.

"Tradicionalmente, a nossa ideia tem sido que os trópicos e as baixas latitudes são as principais fontes de metano na atmosfera. Há, no entanto, uma série de ambientes que partilham muitas características e que se situam em latitudes muito mais elevadas, como é o caso da Suécia. E se olharmos para estes ambientes, vemos também cinturas de vegetação muito densas. Estas águas ficam relativamente quentes no verão. Têm, essencialmente, todas as características de um ambiente que também produz muito metano, mas que ainda não foi totalmente contabilizado", revelou o cientista.

Os níveis de metano aumentaram nos últimos 20 anos. Mas, ao contrário das emissões de CO₂, o metano não está

a acelerar como uma tendência plurianual.

"Na década de 2000, o crescimento do metano quase parou durante alguns anos e as razões dessa interrupção continuam a ser debatidas", disse Vincent-Henri Peuch, diretor do Serviço de Monitorização da Atmosfera do Copernicus.

O gás provém de três fontes diferentes. Um terço provém de indústrias como a do petróleo e do gás. Um terço provém da agricultura e dos resíduos e um terço provém da natureza.

A luta contra o metano é essencial para evitar os piores cenários climáticos. Este potente gás com efeito de estufa retém 86 vezes mais calor na atmosfera do que o dióxido de carbono ao longo de 20 anos. É responsável por cerca de um terço do aquecimento global que se regista atualmente.

Os líderes mundiais estão bem cientes da ameaça; na cimeira da ONU sobre o clima, em 2021, mais de 100 países comprometeram-se a reduzir as emissões de metano em 30% até 2030.

A decomposição de resíduos é responsável por cerca de 20% das emissões de metano causadas pelo homem; as maiores percentagens provêm da agricultura (aproximadamente 40%) e dos combustíveis fósseis (35%).

Há também um ciclo não natural em movimento, com o aquecimento global a fazer com que as zonas úmidas libertem mais do seu carbono armazenado sob a forma de metano.

O objetivo global para 2030 é impossível sem combater as emissões da indústria de resíduos, disse ao Guardian Carlos Silva Filho, presidente da Associação Internacional de Resíduos Sólidos (ISWA).

"A redução do metano é a única solução para atingir o objetivo global de 1,5°C de temperatura", afirmou. "Se nos concentrarmos realmente na redução das emissões de metano do setor dos resíduos, isso vai mudar o jogo".

METANO NOS ATERROS

Cerca de 40% dos resíduos do mundo são enviados para aterros sanitários, segundo a ISWA. O metano é emitido por estes aterros quando os resíduos orgânicos, como restos de comida, papel e madeira, são decompostos por micróbios na ausência de oxigénio.

É invulgar que os aterros sanitários



espanhóis emitam tanto metano, uma vez que a maioria dos países desenvolvidos dispõe de sistemas de gestão de resíduos corretos e de regulamentação para estancar as fugas de metano.

Normalmente, os materiais orgânicos são desviados dos aterros para biodigestores - equipamento que decompõe biologicamente os resíduos num sistema fechado. Ou os aterros são cobertos para capturar o gás. A cobertura dos locais com solo, por exemplo, é uma solução barata, embora temporária, em locais que não dispõem de instalações adequadas.

A captura do gás metano constitui uma oportunidade para transformar um resíduo numa mercadoria, uma vez que pode ser vendido como combustível (e transforma-se em CO₂ quando queimado, um gás com efeito de estufa menos potente).

ARROTO DO BOI

O arrotado do boi é uma das maiores fontes de emissão de gás metano, que



“Estamos analisando todas as possibilidades. E isso significa, em parte, que estamos no processo de reestruturação da nossa indústria alimentar, estamos no processo de analisar como podemos criar um imposto sobre a produção, entre outras coisas, de carne bovina”

contribui para o efeito estufa.

Essa é a conclusão de estudo realizado pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia.

Segundo a pesquisa, 93% do gás metano produzido na agricultura do país provém da pecuária.

O processo de formação do gás ocorre durante a digestão dos alimentos pelos animais ruminantes.

Há no estômago deles bactérias responsáveis pela decomposição de materiais orgânicos.

O gás metano, expelido pela boca do animal, é um dos subprodutos desse processo, diz a pesquisadora da Embrapa Magda Lima.

Segundo o coordenador de pesquisas em mudanças globais do Ministério da Ciência e Tecnologia, José Domingos Gonzalez Miguez, cada animal gera anualmente cerca de 50 kg de gás metano.

Se forem levadas em conta as 160 milhões de cabeças de gado que compõem o rebanho brasileiro, a pecuária nacional chega a emitir aproximadamente 8 milhões de t do gás por ano.

As emissões mundiais de metano, segundo a Embrapa, chegam a 530 milhões de toneladas por ano.

O gás metano permanece durante 14 anos na atmosfera e contribui 25 vezes mais para o efeito estufa do que gases como o dióxido de carbono, proveniente da queima de combustíveis fósseis.

Miguez explica que o efeito estufa é resultado da retenção de raios infravermelhos na atmosfera. Essa radiação vem do sol e é refletida pela superfície terrestre.

A atuação de gases como o metano e o dióxido de carbono impede o retorno da radiação ao espaço.

A retenção dos raios infravermelhos contribui para o aumento da temperatura do planeta. ■

Exportações do agro atingem US\$ 15,20 bi em junho e US\$ 82,39 bi no semestre

Complexo de soja, carnes, complexo sucroalcooleiro, produtos florestais e café foram os setores que tiveram destaque naquele mês

Da Assessoria do Mapa

As vendas externas brasileiras de produtos do agronegócio foram de US\$ 15,20 bilhões em junho de 2024, um aumento do valor das exportações comparado ao mês de maio/2024, que atingiu US\$15,02 bilhões.

As exportações brasileiras de grãos subiram de 14,96 milhões de toneladas em junho de 2023 para 15,07 milhões de toneladas em junho de 2024 (+0,7%). Além do incremento do volume exportado de grãos, houve aumento na quantidade exportada de: açúcar de cana (+335,1 mil toneladas); celulose (+182,8 mil toneladas); algodão não cardado nem penteado (+100,1 mil toneladas); farelo de soja (+84,0 mil

toneladas); café verde (+64,6 mil toneladas). Com base nesses dados, o índice de quantidade apurado para as exportações do agronegócio ficou positivo em 4,5%.

“O aumento nas exportações no primeiro semestre de 2024 reflete não só a excelência dos nossos produtos, mas também o resultado dos recordes nas aberturas de mercado e o constante diálogo com outros países. O incentivo do governo e o apoio do setor e das associações têm sido fundamentais para esse crescimento, demonstrando a força e a competitividade do agronegócio brasileiro no cenário internacional, bem como a qualidade e o rigoroso controle sanitário dos nossos produtos”, destacou Roberto Perosa, secretário de Comércio e Relações Internacionais do Mapa.

Já no período acumulado dos últimos 12 meses, as exportações do agronegócio somaram US\$ 166,20 bilhões, o que representou crescimento de 2,4% em relação aos doze meses imediatamente anteriores. Entre julho de 2023 e junho de 2024, os produtos do agronegócio representaram 48,6% de todas as exportações brasileiras, 0,2 ponto percentual acima da participação verificada entre julho de 2022 e junho de 2023.

DESTAQUES DOS PRODUTOS DO AGRO BRASILEIRO

No primeiro semestre de 2024, as exportações brasileiras do agronegócio alcançaram o valor de US\$ 82,39 bilhões. Esse é o segundo maior valor registrado para a série histórica.





Divulgação

“O incentivo do governo e o apoio do setor e das associações têm sido fundamentais para esse crescimento, demonstrando a força e a competitividade do agronegócio brasileiro no cenário internacional, bem como a qualidade e o rigoroso controle sanitário dos nossos produtos”

Nesse período, os cinco principais setores do agronegócio brasileiro se destacaram significativamente nas exportações. O complexo soja liderou, alcançando US\$ 33,53 bilhões, representando 40,7% do total exportado pelo agronegócio. Em seguida, o setor de carnes exportou US\$ 11,81 bilhões, equivalentes a 14,3% das exportações do agronegócio. O complexo sucroalcooleiro registrou US\$ 9,22 bilhões, correspondendo a 11,2% do total, enquanto os produtos florestais somaram US\$ 8,34 bilhões, representando 10,1%. Por fim, o setor de café alcançou US\$ 5,31 bilhões, o que equivale a 6,4% das exportações. Juntos, esses setores foram responsáveis por 82,8% das vendas externas do agronegócio brasileiro.

O setor de carnes, segundo maior

exportador, apresentou um crescimento de 1,6% em comparação a 2023, atingindo US\$ 11,81 bilhões. A carne bovina destacou-se, representando 48,1% do valor exportado, com US\$ 5,14 bilhões, um aumento de 18,3%. A quantidade de carne bovina in natura exportada foi recorde, totalizando 1,14 milhão de toneladas, um crescimento de 29,1%.

O complexo sucroalcooleiro viu suas exportações aumentarem de US\$ 5,99 bilhões em 2023 para US\$ 9,22 bilhões em 2024, um crescimento de 54,1%. O açúcar, principal produto do setor, alcançou US\$ 8,66 bilhões, um aumento de 62,8%. As exportações de açúcar de cana em bruto também foram recordes, tanto em valor, com US\$ 7,21 bilhões, quanto em quantidade, com 14,33

milhões de toneladas.

Os produtos florestais registraram um crescimento de 11,9%, somando US\$ 8,34 bilhões. A celulose foi responsável por 59,6% desse total, com US\$ 4,97 bilhões, um aumento de 19,5%. A quantidade exportada de celulose também atingiu um recorde para o primeiro semestre, com quase 10 milhões de toneladas, um crescimento de 3,1%.

O setor de café destacou-se com vendas externas de US\$ 5,31 bilhões, um crescimento de 46,1% em valor e de 52,1% em quantidade comparado ao ano anterior.

Além desses, outros produtos também apresentaram desempenhos notáveis. O algodão não cardado e não penteado atingiu um recorde de US\$ 2,68 bilhões, um aumento de 236%, com 1,39 milhão de toneladas exportadas, um crescimento de 228%. O suco de laranja também bateu recorde, com US\$ 1,25 bilhão em exportações, um aumento de 24%.

Complexo de soja, carnes, complexo sucroalcooleiro, produtos florestais e café foram os setores que tiveram destaque neste mês. ■

Produção agrícola sustentável é foco de visita da ministra da Noruega à Embrapa Cerrados

Anne Beathe Tvinnereim, acompanhada do embaixador da Noruega no Brasil, Odd Magne Rudd, visitou a Embrapa Cerrados, em Planaltina (DF)

Por **Juliana Caldas**

A ministra da Noruega para o Desenvolvimento Internacional, Anne Beathe Tvinnereim, acompanhada do embaixador da Noruega no Brasil, Odd Magne Rudd, visitou a Embrapa Cerrados (Planaltina-DF). No Brasil para participar da reunião ministerial de Desenvolvimento do G20 e da reunião da força-tarefa para a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, no Rio de Janeiro, ela incluiu em sua agenda de viagem o centro de pesquisa, a fim de conhecer de perto um pouco do trabalho da Embrapa.

“Vocês têm soluções que podem ser usadas no mundo inteiro, espero que outros continentes também possam se utilizar das tecnologias que são desenvolvidas aqui”, destacou a ministra. “Desenvolvemos tecnologias que permitiram incorporar os solos do Cerrado ao sistema de produção. Depois de dominarmos a produção de alimentos, estamos hoje preocupados com a

sustentabilidade desses sistemas. Dessa forma, atuamos de forma transversal a fim de que o sistema tenha cada vez mais resultado”, explicou o chefe-geral da Embrapa Cerrados, Sebastião Pedro.

O chefe de P&D e pesquisador da Unidade, Eduardo Alano, repassou à comitiva informações sobre o bioma Cerrado, sobre a Embrapa e as linhas gerais de pesquisa da Unidade. “No início o desafio foi grande. Não possuíamos quase nenhum conhecimento sobre os recursos naturais e sobre a aptidão agrícola da região. Aqui foi o primeiro lugar no mundo em que foi desenvolvida agricultura moderna para solos de baixa fertilidade. Isso se deu com muita tecnologia de solo, tratamentos culturais, adubação, tropicalização de culturas. E hoje o Brasil é um dos players mundiais em exportação de alimentos”, afirmou.

Segundo ele, nos anos 70, a quantidade e a diversidade de alimentos eram pequenas. “Hoje o país produz praticamente tudo, sendo que a maior parte da produção utilizada na alimentação vem

da agricultura familiar”, ressaltou. De acordo com Alano, ao longo dos anos o avanço foi tanto nos sistemas de produção, quanto no conhecimento da biodiversidade do Cerrado. Ele apresentou as principais tecnologias desenvolvidas no centro de pesquisa e ressaltou alguns programas de melhoramento, como de trigo, mandioca, fruteiras como maracujá e pitaia, milho, café e gado.

No campo, o pesquisador Eduardo Alano ainda mostrou ao grupo algumas variedades de mandioca obtidas a partir do programa de melhoramento participativo e explicou as diferentes linhas de pesquisa que são seguidas. “Trabalhamos em três frentes: mandioca de mesa, que são biofortificadas, ricas em vitamina A e licopeno; mandioca para farinha e fécula, que são cultivadas para produção industrial; além das mandiocas açucaradas, que, em vez de armaze-

Fotos: Divulgação





“Hoje o país produz praticamente tudo, sendo que a maior parte da produção utilizada na alimentação vem da agricultura familiar”

“Vocês têm soluções que podem ser usadas no mundo inteiro, espero que outros continentes também possam se utilizar das tecnologias que são desenvolvidas aqui”

nar amido, armazenam açúcar”, explicou.

A visita de campo foi realizada na unidade de referência de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta. O pesquisador Kleberon de Souza apresentou aos visitantes informações sobre os diferentes arranjos de sistemas integrados e seus benefícios. Ele explicou que sistemas integrados são diferentes sistemas de produção adotados numa mesma área usando rotação e consórcio, mas esclareceu: “essa junção de componentes em diferentes sistemas agropecuários, no entanto, tem que resultar numa soma em que um mais um não dá dois, mas sim dois e alguma coisa. Cada componente tem que trazer um ganho para o sistema de forma que o produtor tenha vantagens quando junta os diferentes componentes num sistema só”, enfatizou. De acordo com o especia-

lista, os sistemas integrados podem ser adaptados para pequenos, médios e grandes produtores.

Segundo o pesquisador, o arranjo mais utilizado no Brasil é o de integração lavoura e pecuária (83% dos 17,4 milhões de hectares/dados de 2020). “Basicamente é uma primeira safra de soja e uma segunda safra de milho ou sorgo, sendo que nesse segundo momento, numa mesma operação mecanizada, é feito o plantio da forrageira. Quando o produtor colhe o milho, o capim explode em crescimento, por conta da entrada de luz. Assim, o campo está pronto para uma terceira safra, que é a safra animal, justamente no período em que as pastagens estão secas. E ainda falamos de uma quarta safra, que seria a palhada, que traz uma série de vantagens ao sistema”.

Ele também destacou os ganhos de



produtividade da soja por conta das forrageiras utilizadas no sistema. “Falamos muito da palhada, ou seja, do que está acima do solo, mas queria mostrar também o que está abaixo do solo, o sistema radicular dessas forrageiras, que é impressionante. E isso se reflete na produtividade da soja. Temos trabalhos mostrando um ganho médio de 11 sacos de soja (60kg cada) a mais quando se tem a segunda safra consorciada com as forrageiras”, contou. Segundo o pesquisador, quando se tem ainda a terceira safra, quando os animais entram na área e há de fato o pastejo, a produtividade da soja posterior é ainda maior. “Ainda estamos estudando o motivo desse aumento. Mas ele existe e é mais um ganho do sistema”.

O pesquisador Kleberon de Souza explicou que também é possível antecipar o plantio da segunda safra em até 20 dias. “Quando a soja ainda está no campo, antes de secar, o produtor entra com a plantadeira adaptada fazendo o plantio da segunda safra já consorciada

com a forrageira”. Segundo ele, essa antecipação da segunda safra traz ganhos que se refletem em maior produtividade. “Quando há essa antecipação, registramos em média 1,5 saco a mais de milho para cada dia antecipado. Em muitos casos, principalmente em regiões em que a janela de chuva é mais curta, é a diferença entre colher e não colher a segunda safra. Isso tem possibilitado fazer ou não fazer a segunda safra em regiões em que não se fazia antes”, ressaltou.

Atualmente, o componente florestal é utilizado por uma parcela pequena dos produtores – em torno de 10% utilizam o arranjo lavoura, pecuária e floresta e apenas 1% lavoura e floresta. “Com o componente florestal o sistema fica mais complexo, mas ele traz um ganho importante de ambiência animal promovido pela sombra das árvores. Pesquisas registraram aumento na produção de leite e nas taxas reprodutivas das vacas. Também temos a questão do balanço de carbono, que fica muito

favorável. Com apenas 15% da propriedade com esse sistema é possível mitigar todas as emissões de gases de efeito estufa emitidos da porteira para dentro da propriedade e, ainda, ter um crédito de carbono ou acúmulo de carbono da ordem de 22 toneladas de Co2 equivalente por hectare”, afirmou.

Além de sequestrar mais carbono, de acordo com o pesquisador Kleberon de Souza, os sistemas integrados ainda emitem menos gases de efeito estufa. “Um ótimo exemplo é o óxido nitroso. Num trabalho em que analisamos o cultivo convencional, o Cerrado nativo e os sistemas integrados, observou-se 56% menos emissão desse gás (óxido nitroso) em detrimento do sistema convencional, com aração e gradagem no preparo do solo. Ou seja, os sistemas integrados emitem menos e sequestram mais carbono”.

FERTILIZANTES

A visita da comitiva à Embrapa Cerrados também contou com a presença



“Desenvolvemos tecnologias que permitiram incorporar os solos do Cerrado ao sistema de produção. Depois de dominarmos a produção de alimentos, estamos hoje preocupados com a sustentabilidade desses sistemas”

de representantes brasileiros da empresa norueguesa Yara Fertilizantes. No último mês de março, a Embrapa e a Yara firmaram um acordo de cooperação que permitirá troca de acesso às soluções digitais e às estruturas internas em P&D das duas empresas e, ainda, atuação conjunta na coordenação de estudos em inovação e tecnologia.

Na prática, a Embrapa terá à disposição em todas as suas unidades, incluindo a Embrapa Cerrados, as soluções que a Yara utiliza no campo, por exemplo, ferramentas digitais para a aplicação de fertilizantes, recomendações nutricionais e de compartilhamento de dados coletados em campo.

O gerente agrônomo da Yara,

“Sustentabilidade, a oportunidade passa pela agricultura. De 2005 a 2019, já conseguimos uma redução de 45% das emissões, que vêm principalmente das fábricas. Temos o compromisso de seguir reduzindo mais 30%”

Leonardo Soares, apresentou durante a visita a palestra “Sustentabilidade, a oportunidade passa pela agricultura”. Ele relatou o trabalho de pesquisa que está sendo feito pela empresa para diminuir as emissões de gases de efeito estufa tanto na produção dos fertilizantes, quanto no campo. “De 2005 a 2019, já conseguimos uma redução de 45% das emissões, que vêm principalmente das fábricas. Temos o compromisso de seguir reduzindo mais 30%”.

De acordo com o gerente, hoje a empresa tem parceria com 48 instituições de pesquisa, incluindo universidades. “Temos mais de 150 pesquisas agrônomicas a campo com diversas culturas em andamento”. Segundo ele, no passado o foco da empresa era apenas na produtividade. “Hoje, 60% das nossas pesquisas são para avaliar a emissão de gases de efeito estufa, a saúde do solo, quanto a gente está conseguindo fixar de carbono no solo. Isso para entender o que a gente pode traçar de estratégia para reduzir a emissão no campo”, explicou. ■

Da moenda para a célula a combustível: caldo de cana é usado para produzir energia elétrica

Processo não requer a transformação do caldo in natura em etanol, feita nas usinas de álcool, impedindo a formação de resíduos que prejudicam o meio ambiente

Por **Júlio Bernardes**

Pesquisadores do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen), órgão associado à USP, testaram o uso de caldo de cana para gerar energia elétrica em células a combustível. O processo dispensa a transformação do caldo *in natura* em etanol, feita nas usinas de álcool, impedindo a formação de resíduos nocivos ao meio ambiente. Após o êxito dos experimentos em laboratório, os cientistas vão desenvolver a aplicação da técnica em escala industrial.

“A célula a combustível tem o mesmo princípio de funcionamento de uma pilha. A diferença é que o combustível serve como reagente para ser consumido e gerar eletricidade”, explica o pesquisador do Ipen, Almir Oliveira Neto, que coordenou a pesquisa. “Na célula, há dois eletrodos, o ânodo, onde o combustível é

oxidado, e o cátodo, onde o oxigênio da oxidação é reduzido. Eles são conectados por uma membrana que atua como eletrólito, conduzindo eletricidade, formando um sistema que fornece energia elétrica.”

“No dispositivo que foi desenvolvido na pesquisa, a oxidação do caldo de cana acontece no ânodo e a redução de oxigênio no catodo. O objetivo do experimento era obter energia da biomassa com o mínimo impacto ambiental possível. Para isso, utilizou-se o caldo de cana em uma célula a combustível para gerar energia elétrica”, diz o pesquisador. “O uso do caldo de cana direto evita a formação de vinhaça, um resíduo ambientalmente perigoso decorrente da produção de etanol, contribuindo, assim, para a preservação do meio ambiente.”

Segundo Oliveira Neto, a célula a combustível pode usar o caldo obtido diretamente pela moagem da cana,



Modelo da célula a combustível com caldo de cana montado em laboratório



“Na célula, há dois eletrodos, o ânodo, onde o combustível é oxidado, e o cátodo, onde o oxigênio da oxidação é reduzido. Eles são conectados por uma membrana que atua como eletrólito, conduzindo eletricidade, formando um sistema que fornece energia elétrica”

como o vendido nas feiras livres. “No entanto, é preciso uma padronização, pois ele pode apresentar variações em decorrência da safra de cana”, observa. “No nosso trabalho, produzimos um caldo de cana sintético, a fim de poder comparar os resultados, mas o caldo de cana in natura foi empregado numa pesquisa anterior.”

SEM RESÍDUOS AMBIENTAIS

“Tanto a oxidação do álcool quanto a do caldo de cana ocorrem de forma parcial, ou seja, a reação não tem aproveitamento total em relação ao número de elétrons”, ressalta o cientista. “O uso direto do caldo de cana, porém, tem a vantagem de não gerar resíduos ambientais, e além da geração de energia pode ser direcionado à fabricação de produtos de maior valor agregado, como os ácidos glucônico, sacárico, láctico, levulínico e furfural, que têm diversas aplicações nas indústrias alimentícia, de cosméticos, farmacêutica e de polímeros.”

Oliveira Neto destaca que o protótipo da célula a combustível desenvolvido na pesquisa permite o aumento de escala em laboratório. “Para se observar o desempenho com maiores quantidades de caldo de cana e energia serão necessários o aumento da área dos eletrodos, e desenvolvimento e ampliação de escala”, planeja. “Além disso, será preciso um maior montante de recursos públicos e privados para a

concretização do objetivo final, o uso do dispositivo em escala industrial.”

O estudo teve a participação dos pesquisadores Bruno Villardi e Júlio Na-denha, doutores formados pelo Programa de Tecnologia Nuclear e Materiais da USP e do Ipen; Victória Maia, doutoranda do programa; e dos pós-doutorandos Priscila Zambiasi e Rodrigo Souza, do Centro de Células a Combustível e Hidrogênio do Ipen. A pesquisa teve a supervisão de Almir Oliveira Neto, orientador credenciado no Programa de Tecnologia Nuclear e Materiais da USP e do Ipen, onde Souza atua como coorientador.

Os resultados do trabalho são apresentados nos artigos Desempenho Eletrocatalítico de Pd/C e Pt/C para Geração de Energia a partir do Extrato de Cana-de-Açúcar em Célula a Combustível de Líquido Direto, publicado na Revista Virtual de Química, e *Optimizing PtSn Composition in Direct Sugarcane Extract Fuel Cells: A Sustainable Bioenergy Solution*, que saiu na edição on-line da revista científica *SugarTech* em março. ■

Nelore pintado no Brasil



Por **Ademir Galtizki**

Na semana passada, o pecuarista Hélio Correa de Assunção, criador pioneiro na seleção da raça nelore pintado, compartilhou a origem de seu plantel e algumas histórias acumuladas ao longo de quase 50 anos dedicados à raça.

Assunção recordou que a seleção teve início com um criador do Rio de Janeiro, seu primo Leonardo Correa da Silva, e foi para Mato Grosso do Sul através do seu tio-avô, Autonomista Correa da Silva, com a aquisição do touro Pão de Ló. “Ele trouxe para cá em 1966, por aí, [...] e o meu avô, Otacílio Correa Borges, comprava touro dele. Aliás, esse Pão de Ló não dava muitos vermelhos pintados, mas os filhos dele começaram a ficar. E quando eu vim para cá em 1973, nós formamos a agropecuária, eu e meus irmãos, e o meu avô tinha pelo menos 150 a 200 vacas vermelhas pintadas, todas oriundas do Pão de Ló. [...] E aí eu comecei a fazer seleção, eu e meus irmãos. Na nossa agropecuária. Depois, eu fiquei com o gado e veio o registro do nelore, da pelagem, se não me engano, em 1982 ou 1983. Daí para frente veio essa teimosia, essa persistência, que é um pouco teimosia, porque em um ano você quer melhorar a raça e acaba com a pelagem. Aí melhora a pelagem, mas acaba com a raça”, contou Hélio.

Desde então, já se passaram quase 50 anos de seleção do gado pintado, sempre tentando combinar as características produtivas com a bela pelagem, o que



nem sempre é fácil. “Para melhorar esse gado que vem com o problema, você amarela um pouco o gado, aí tem que voltar para os vermelhos antigos, mas que não têm o peso atual de hoje”, disse, revelando o principal dilema da seleção do nelore pintado. “A situação gerou até um dos 'causos' vivenciados pelo pecuarista. Um amigo meu, outro dia, disse que comprou um boi pintado de vermelho maravilhoso, mas ele dá muito pintado de amarelo. 'Como faz esse gado?', ele perguntou. Eu respondi: 'Você vai pelejando, depois de uns 30 anos, você vê e me fala!', sorriu Hélio. “Genética é difícil. Você me imagine ainda fazer qualidade com pelagem. Aí não é fácil”, observou.


O criador compartilhou outra história inusitada que ocorreu em meio à sua experiência como selecionador do nelore pintado. “Tem uma historinha minha, verídica, de uma exposição em Campo Grande [MS], em que um homem, um senhor da minha idade, [...] tirou o meu gado da cocheira para fotografar. [...] E naquele tempo eu estava com meus primos [...] e eu precisava vender o boi. Naquele tempo não tinha leilão. E falaram para mim: 'Corre lá que o homem quer comprar', eu fui e perguntei se ele tinha gostado. Ele falou: 'É maravilhoso! Dá um tapete lindo!' O homem não dava bola, não, mas achava que o boi era muito bonito. Eu fiquei rindo. O Antônio Carlos [primo] perguntou o que eu tinha falado e eu contei. Ele falou para a gente ir atrás dele e eu disse que 'zebueiro não pode embrabecer'. E meu primo perguntou o que eu respondi. 'Você arrumou mais uma serventia. Se não gostar da qualidade, pelo menos um tapete dá'”, contou o bem-humorado Hélio Assunção. ■

“Essa persistência, que é um pouco teimosia, porque em um ano você quer melhorar a raça e acaba com a pelagem. Aí melhora a pelagem, mas acaba com a raça”

Matéria divulgada no site Giro do Boi - José Luiz Alves Neto.



NEWLINE
SISTEMAS DE SEGURANÇA



Mudou e precisa de um
Sistema de Segurança inteligente?

Conte com a New Line

RDM
REDE DE MÍDIAS

28
anos

BRASÍLIA | RIO DE JANEIRO | SÃO PAULO | CUIABÁ



Grupo RDM (Rede de Mídias Brasil), há 28 anos ininterruptos, é o maior sucesso editorial do Centro-Oeste brasileiro. Neste ano de 2024, assumimos a posição de um grupo nacional de comunicação social, com escritórios editoriais no eixo Brasília-Rio-São Paulo, e daqui, para o mundo via internet. GRUPO RDM Brasil, orgulho de ser desta terra!

BRASÍLIA-DF

📍 SHS Quadra 06 - Bloco F - Sobre Loja, Complexo Brasil 21
☎ Tel.: (61) 2193.1409 - 98160-3377 - CEP 70.316-102
@ midia@revistardm.com.br

RIO DE JANEIRO-RJ

📍 Rua Visconde de Pirajá, 495 - Ipanema
☎ Tel.: (61) 98160-3377 - CEP 22.401-003
@ midia@revistardm.com.br

SÃO PAULO-SP

📍 Alameda Santos, 1817 Cj 112 - Cerqueira Cesar
☎ Tel.: (61) 98160-3377 - CEP 01.419-909
@ midia@revistardm.com.br

CUIABÁ-MT

📍 Rua Hermenegildo Correia Galvão, 147 - Bairro Santa Rosa
☎ Tel.: (65) 3623-1170 9682-1470 - CEP 78.040-240
@ midia@revistardm.com.br